

MERCADO PÚBLICO: TIPOLOGIAS E SOCIABILIDADES DO AMBIENTE URBANO

Leonardo Danielli¹; Vanderli Machado Mackmillan²

Resumo: O presente artigo consiste numa breve análise do contexto histórico dos mercados públicos, por meio de revisões bibliográficas sobre o tema em tela, abordando desde as feiras livres de ruas até a criação efetiva dos mercados, bem como suas evoluções tipológicas a partir das teorias e concepções higienistas do início do século XIX, aliadas à inserção do ferro como sistema estrutural, e ainda avalia seus desdobramentos enquanto edificações de tipologia aberta e fechada, procurando verificar a repercussão na construção desses edifícios. Levantaram-se dados sobre a implantação dos mercados nas grandes cidades europeias e como repercutiram no Brasil, dando ênfase especial a alguns edifícios como os mercados municipais das cidades de Recife, São José, Manaus e Belém, visando uma perspectiva de análise acerca das concepções tipológicas e construtivas dos mercados nessas cidades. Objetiva-se também identificar como esses espaços públicos tornam-se espaços de sociabilidade. A metodologia utilizada foi centrada em revisões bibliográficas sobre o tema supracitado, onde foram consultados autores fundantes, secundários e terciários, sendo necessário uma triangulação com uma análise documental de projetos arquitetônicos e de registros fotográficos.

Palavras-Chave: Arquitetura; Espaço Público; Sociocultural.

INTRODUÇÃO

O mercado público consiste em uma forma de intercâmbio de produtos a qual pode ser encontrada em cidades da antiguidade e que perduram até os dias de hoje, representam importantes locais de convivência e sociabilidade, possibilitam ricas trocas culturais uma vez que participam da vida comunitária das populações locais por meio de relações de produção, compra e venda de produtos. Compreende-se, nesta ótica, que sua função social e comunitária vai muito além de funções apenas econômicas, pode-se atestar que as transações econômicas estabelecidas por meio da comercialização da produção agrícola, artesanal e industrial, estão correlacionadas a diversos outros fatores e arranjos socioculturais.

Araújo e Barbosa (2004, p. 2) afirmam que historicamente mercados e feiras “adquiriram uma importância muito grande que ultrapassa seu papel comercial, transformando-se, em muitas sociedades, num entreposto de trocas culturais e de aprendizado, onde pessoas de várias localidades congregavam-se estabelecendo laços de sociabilidade”.

O mercado municipal é analisado aqui como um espaço público, como um lugar de construção cultural, de conexão entre espaço urbano e espaço rural, espaço público por excelência, os quais são essenciais para a construção de identidades de um determinado povo, o qual possibilita o encontro interpessoal, propiciando àqueles que nele realizam a vivência de relações sociais de coletividade a construção de vínculos sociais e afetivos. É no espaço do mercado em que se encontram diferentes visões

¹ Bacharel em Arquitetura e Urbanismo - Mestrando em Geografia -PPGEO FURG, leonardodanielli@icloud.com

² Docente da Rede Pública Estadual do RS - Mestrando em Geografia -PPGEO FURG, vando.mm@hotmail.com

e concepções de mundo, de vida, diferentes representações sociais materiais e simbólicas, bem como acerca do lugar pesquisado, ou seja, o “espaço mercado” e suas significações para os diferentes atores sociais que ali socializam.

Portanto a presente pesquisa se fundamenta em estudar por meio de revisões bibliográficas históricas desde as feiras livres de ruas até a criação efetiva dos mercados, suas evoluções tipológicas a partir das teorias e concepções higienistas do início do século XIX aliadas à inserção do ferro como sistema estrutural, bem como seus desdobramentos enquanto edificações de tipologia aberta e fechada, procurando verificar a repercussão na construção desses edifícios. Levantaram-se dados sobre a implantação dos mercados nas grandes cidades europeias e como repercutiram no Brasil, dando ênfase especial a alguns edifícios como os mercados municipais das cidades de Recife, São José, Manaus e Belém, visando uma perspectiva de análise acerca das concepções tipológicas e construtivas dos mercados nessas cidades.

Muitos desses mercados tiveram sua gênese nas feiras livres ou de ruas que terminaram materializando-se em edificações permanentes porque a reprodução da vida na cidade exigia um contínuo suprimento de víveres. Eis o que se estuda.

MATERIAIS E MÉTODOS

A metodologia utilizada está centrada em revisões bibliográficas sobre o tema em tela, onde foram consultados autores fundantes, secundários e terciários, sendo necessário uma triangulação com uma análise documental de projetos arquitetônicos e de registros fotográficos.

Trata-se de uma pesquisa bibliográfica, de abordagem qualitativa, uma vez que visa caracterizar a qualidade dos espaços dos primeiros mercados municipais, enquanto tipologias abertas e fechadas edificadas no período de eclosão da arquitetura do ferro, de natureza aplicada, uma vez que se busca gerar conhecimentos para aplicação prática, quando aos objetivos, trata-se de uma pesquisa do tipo exploratório pautada em realizar uma análise da evolução tipológica dos mercados com ênfase na arquitetura do ferro, bem como identificar como esses espaços públicos tornam-se espaços de sociabilidade.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A arquitetura do ferro aplicada aos mercados públicos brasileiros

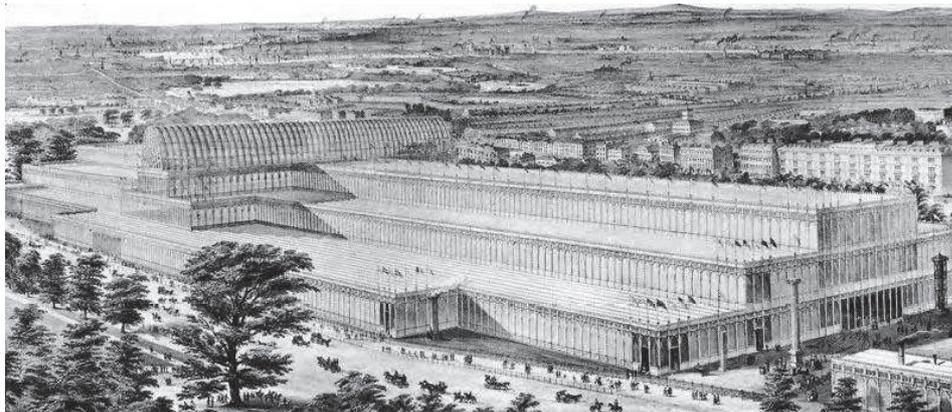
Os processos de industrialização trazem como consequência a concentração da população nos núcleos urbanos, promovendo desta maneira o aparecimento de novas atividades humanas, forçando as edificações a se adaptarem às novas necessidades da sociedade agora urbanizada. Logo,

O comércio exerceu uma colaboração muito importante nas sociedades, no desenvolvimento de novas tecnologias, técnicas e principalmente na responsabilidade de implantação de infraestrutura como estradas, ferrovias, portos, pontes com a intenção de facilitar o fluxo de mercadorias em nível planetário até resultar no processo de globalização. (BRANDALIZE, 2010, p. 27).

A revolução industrial traz consigo a exploração do ferro e uma possibilidade infinita de usos e afirmações de ideais. Não demora muito para que esse material seja experimentado em diversos setores produtivos, principalmente na construção civil. A utilização do ferro nas construções origina-se dos Estados Unidos e Europa, difundindo-se para outros países posteriormente por todo o século XIX, principalmente por ser o principal material construtivo da época, estando aparente nos mercados públicos e em diversos edifícios espalhados por toda a Europa (JÚNIOR, 2006).

O edifício *Crystal Palace* (figura 01) projetado por Joseph Paxton no ano de 1851 foi destaque *London Exhibition*, pela imponência e ousadia da grandiosa estrutura de ferro e vidro.

Figura 01: Palácio de Cristal, Londres, 1850-1851.



Fonte: Júnior (2006)

Embora o *Crystal Palace* ou Palácio de Cristal tenha inaugurado o sistema de pré-fabricação na construção civil no início do século XVIII, segundo Silva (1986 apud JÚNIOR, 2006) foi o mercado do arquiteto Victor Baltard, construído na cidade de Paris no ano de 1855, na administração de Georges-Eugène Haussmann, que instigou e influenciou a utilização do ferro nas estruturas dos mercados municipais construídos desde então.

Silva (1986) destaca que no Brasil nenhum dos edifícios pré-fabricados em ferro obteve tanta aceitação e utilidade quanto os mercados públicos. Esta análise do autor reflete um recorte de grande importância na história dos mercados brasileiros. Entre o fim do século XIX e a primeira década do século XX, diversos mercados construídos com estrutura em ferro foram implantados em cidades brasileiras. As qualidades das suas instalações físicas e as repercussões sociais geradas na época representaram o reconhecimento da importância destes equipamentos no abastecimento e na segurança alimentar da população. (SILVA, 1986 apud JÚNIOR, 2006, p.41).

A partir da inserção do ferro na arquitetura dos mercados públicos houve dois desmembramentos tipológicos: mercados abertos e mercados fechados.

Mercados fechados

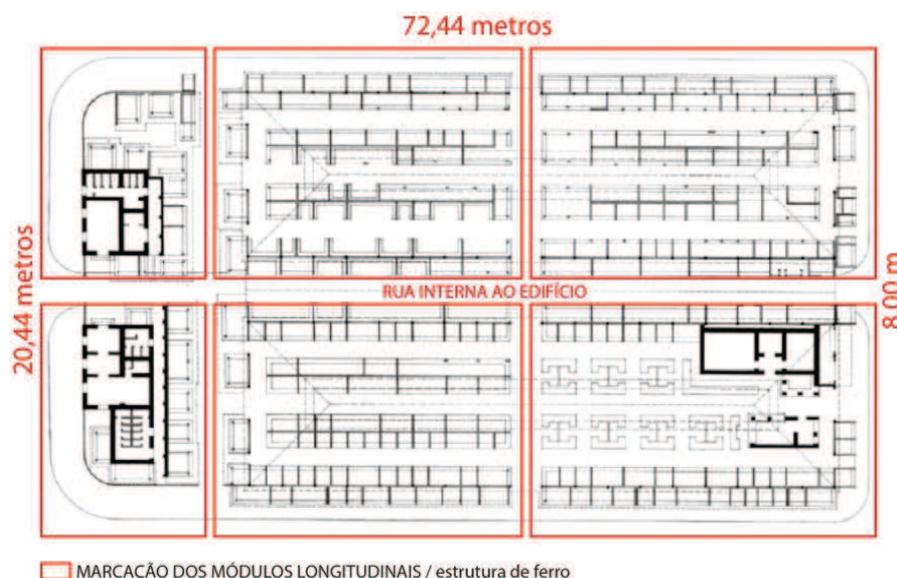
Como visto o edifício mercado não é uma invenção do século XIX, vem sendo concebido como espaço físico de feira aberta de rua desde o século XII. A novidade é a consolidação do mercado como equipamento integrante de uma rede ampla urbanística. A consolidação dos mercados da forma que se entende hoje, cobertos, para uso cotidiano e como parte de um sistema de abastecimento, está diretamente ligada à separação das atividades que antes aconteciam simultaneamente na praça do mercado. Pois além do comércio, esses eram os espaços fundamentais de sociabilidade, agregando diversas formas de manifestações culturais e da vida cívica.

A partir do século XIX, esses edifícios passam a ser pensados de forma a aperfeiçoarem as relações de consumo agregando novos usos ao programa de necessidades, preocupados com os padrões de conforto ambiental até então inéditos. O sistema estrutural de ferro começa a ser utilizado gerando maior flexibilidade aos grandes vãos.

O mercado de São José na cidade de Recife, inaugurado no ano de 1875, foi o primeiro mercado com estrutura em ferro a se instalar no Brasil. O edifício segue as linhas arquitetônicas do mercado público de Grenelle de Paris, projetado pelo arquiteto A. Normand. A obra foi empreitada por José Augusto de Araújo, que contou com o auxílio do engenheiro francês Louis Léger Vauthier para desenvolver o projeto, detalhá-lo e acompanhar a fabricação das peças no seu país. (SILVA, 1986 apud JÚNIOR, 2006).

O mercado de São José conta com a estrutura principal de ferro dividida em seis módulos longitudinais conforme ilustra a figura 02 disposta abaixo:

Figura 02: Planta Baixa esquemática do Mercado Municipal de São José.



Fonte: Adaptado de Júnior (2006)

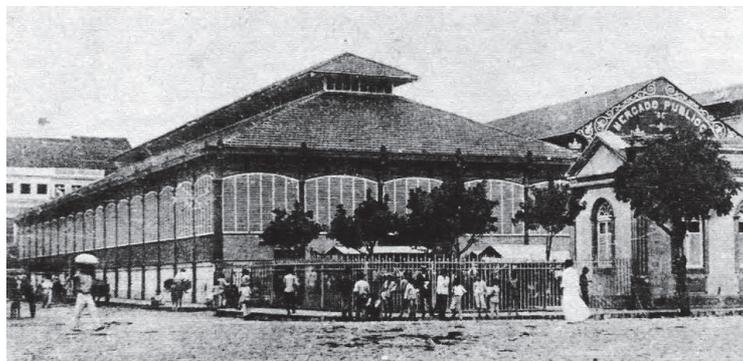
Como exposto, o sistema estrutural de ferro, dividido em seis módulos, compõe uma estrutura de dois pavilhões de 20,44 X 72,44 metros os quais são interconectados através de uma rua de 8,00 metros de largura coberta. (JÚNIOR, 2006).

Para Junior 2006, o mercado de São José utiliza seus espaços internos de forma racional e objetiva,

[...] dispondo os *boxes* paralelamente à sua maior dimensão; ameniza a transmissão térmica para o interior do edifício trocando as folhas de ferro ondulado, que recobririam a cobertura, por telhas de barro; controla a penetração de luz, substituindo algumas das venezianas em vidro, por outras em madeira; atenta para importância da infraestrutura e cuidados com a higiene, detalhando sistema de abastecimento de água e de esgotos (JÚNIOR, 2006).

Como exemplificado com a figura 03 a seguir:

Figura 03: Foto antiga do Mercado Municipal de São José.



Fonte: Júnior (2006)

A figura acima demonstra um dos pavilhões do mercado conectado com a rua interna ao edifício. Mesmo que a imagem demonstre somente parte do Mercado, nota-se a monumentalidade da edificação, qual é conferida exclusivamente pelo sistema estrutural utilizado.

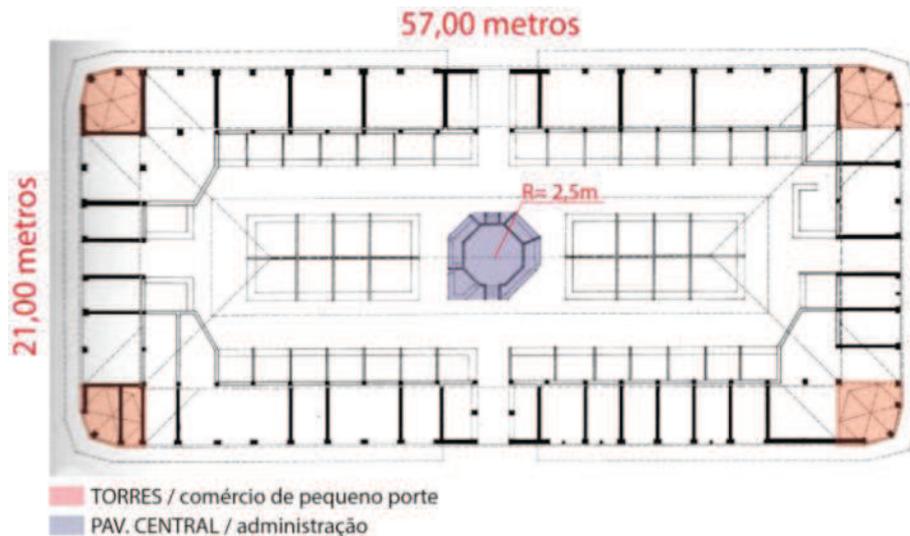
Ainda como exemplo de “mercado fechado”, cita-se o Mercado Municipal do Peixe, o qual se utiliza da estrutura de ferro na sua composição formal, construído na cidade de Belém e inaugurado em dezembro de 1901. Sua estrutura pavilhonar possui 57,00 x 21,00 metros e uma área de aproximadamente 1,200m² conforme ilustrado pela figura 04:

Os ambientes estão dispostos em quarenta e quatro instalações comerciais com 15m² cada, além de quatro torres com 22m² cada, posicionadas nas extremidades atendendo ao comércio de pequeno porte. A administração do edifício se concentrava no pavilhão central de formato octogonal com aproximadamente 2,5 metros de raio.

Sobre as questões de conforto térmico contempladas neste mercado, Junior 2006 explica que:

A estrutura da cobertura é formada por um conjunto de tesouras metálicas, e um sistema de lanternins de 9,00m por 15,00m elevando-se um metro acima delas. Dezoito claraboias distribuídas ao longo do telhado admitem a luz do sol. O aproveitamento da iluminação e da ventilação naturais se dá também através da larga utilização de venezianas abaixo do lanternim e das tesouras, associadas a aberturas externas que se comunicam com o interior do mercado através dos mezaninos (JÚNIOR, 2006).

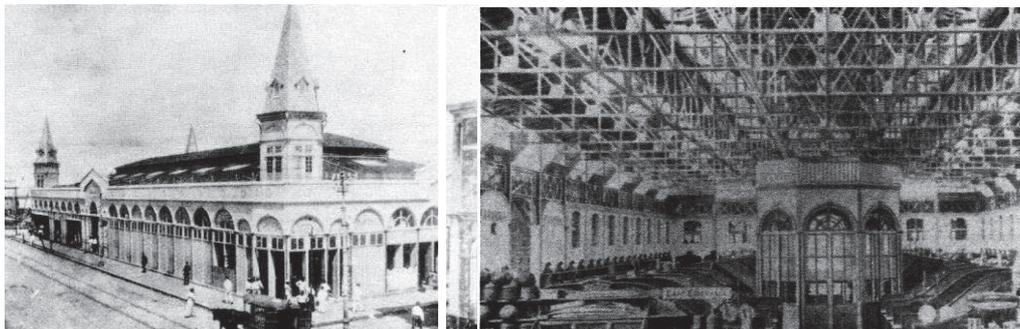
Figura 04: Foto antiga do Mercado Municipal de São José.



Fonte: Adaptado de Júnior (2006)

Conforme ilustrado abaixo nas figuras 05 e 06.

Figura 05: Foto antiga do Mercado Municipal do Peixe
Figura 06: Foto interna antiga do Mercado Municipal do Peixe



Fonte: Júnior (2006)

As figuras ilustram as técnicas de conforto empregadas ao edifício comentadas no parágrafo anterior, bem como a espacialidade externa e interna criada através do sistema estrutural utilizado.

O autor comenta que o excesso de luz direta que irradiava sobre o interior do pavilhão torna-se um aspecto negativo quando analisado pela ótica da conservação dos alimentícios perecíveis, e ainda como um agravante às condições de conforto térmico. A ausência de proteção solar nas fachadas externas implicou na construção posterior de uma marquise em concreto alterando o projeto original do edifício. (SILVA, 1986 apud JÚNIOR, 2006).

Mercados abertos

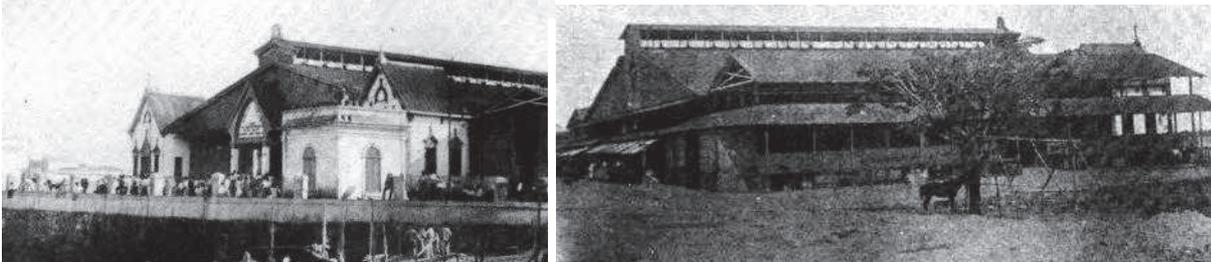
Inaugurado em agosto de 1883, o mercado municipal de Manaus, intitulado como o primeiro pavilhão de ferro de origem inglesa por sua inscrição “FRANCIS MORTON, ENGINEERS,

LIVERPOOL” encontrada nas suas colunas. O mercado dispõe de dimensões aproximadas de 45,00 por 42,00 metros. (JÚNIOR, 2006).

O edifício é ladeado por duas edículas que se encontram alocadas na fachada frontal conforme ilustram as Figuras 07 e 08 dispostas na sequência:

Figura 019: Foto externa do antigo do Mercado Municipal de Manaus

Figura 020: Foto externa do antigo do Mercado Municipal de Manaus



Fonte:

Júnior (2006)

A observação das imagens acima faz notar a protuberância das edículas construídas em alvenaria em relação à fachada frontal do edifício. Ao todo o edifício abriga vinte e quatro *boxes*, todos separados com divisórias em ferro.

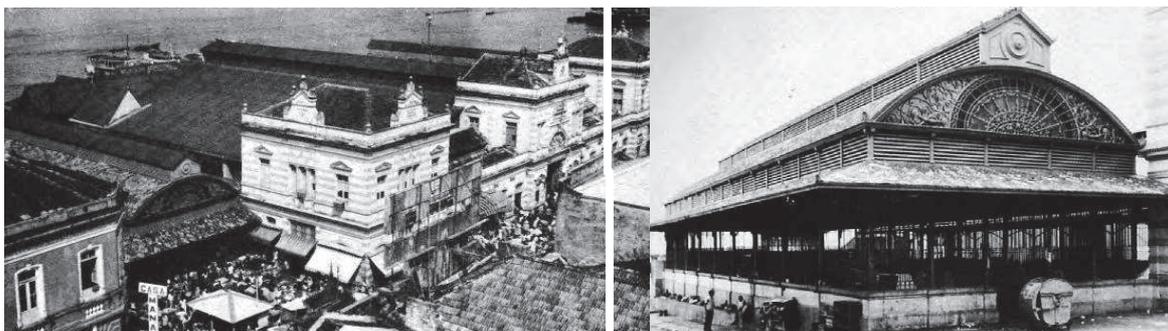
Com o passar dos anos, o mercado ganha diversas adições. Passados sete anos de sua inauguração são acrescentados dois galpões abertos nas laterais do primeiro pavilhão, cobertos com madeira e zinco e, em 1902, em virtude do crescimento urbano e da valorização do mercado municipal, o superintendente Adolfo Lisboa autorizou a execução de reformas na fachada frontal (figura 09) voltada a Rua dos Bares. Ainda segundo Júnior (2006, p.49),

[...] foram incorporados dois galpões com 360,00m² cada, em arcos de ferro recobertos com chapas de zinco estampado, vedados até a altura do peitoril de 1,00m com alvenaria de pedra e acima deste um gradil metálico. As inscrições verificadas por Silva (1986) remetem à origem escocesa. Os elementos arquitetônicos empregados na obra, como os lanternins, as venezianas e a ausência de alvenaria na vedação lateral, exprimem uma preocupação com as elevadas temperaturas da região. (Júnior 2006, p.49),

Conforme ilustrado na figura 10 abaixo:

Figura 021: Reforma da fachada frontal voltada a Rua dos Bares

Figura 22: Um dos galpões laterais do Mercado Municipal de Manaus



Fonte: Júnior (2006)

As figuras 9 e 10 ilustram a reforma na fachada frontal do mercado de Manaus e um dos galpões incorporados lateralmente ao edifício, o qual por sua arquitetura expressa à preocupação com o conforto térmico da edificação.

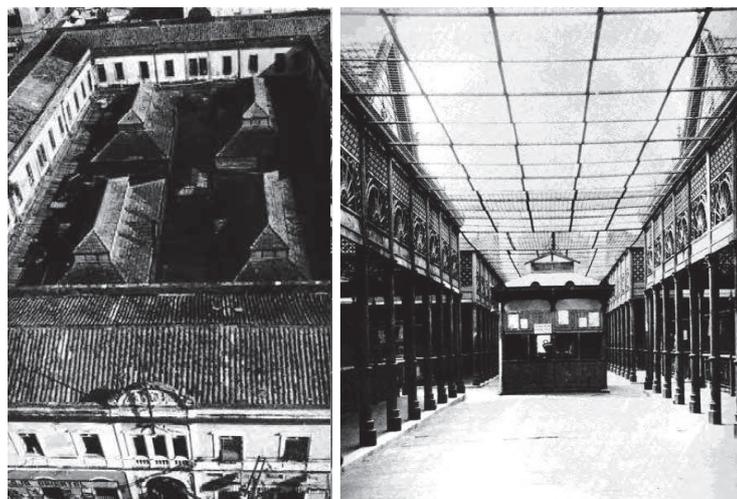
No ano de 1909, houve a execução de um pavilhão em ferro para o comércio das tartarugas e, em 1910, foram edificados outros dois pavilhões vedados por esquadrias de vidro, chapas e venezianas também executadas em ferro, comportando cobertura em estrutura metálica e chapas onduladas. As edículas octogonais posicionadas na fachada posterior, em suas extremidades, eram ocupadas por cafés e botequins, demonstrando nitidamente a importância dos ambientes de convivência e sociabilização no espaço público do mercado, enfatizando ainda mais que esse é certamente um espaço articulador de políticas sociais. (JÚNIOR, 2006).

Tratando ainda da tipologia de “mercados abertos”, servindo como referencial arquitetônico evolutivo cita-se o mercado Municipal de Belém edificado em alvenaria originalmente no ano de 1867. Apesar de ocupar uma quadra inteira, com o passar dos anos acabou por se tornar pequeno em função do crescimento e desenvolvimento das suas atividades comerciais. Logo, o mercado municipal ou mercado da carne, como era conhecido, sofreu reformas e ampliações.

O edifício recebeu adição de um pavimento, quatro pavilhões de ferro (figuras 11 e 12) destinados à comercialização de carnes, e um menor voltado às instalações sanitárias públicas. Os pavilhões centrais de ferro com dimensões de 10,00 por 20,00 metros apresentam:

[...] cobertura mista composta por telha francesa, na porção mais baixa e uma claraboia posicionada na porção superior central, separados os planos por um conjunto de venezianas metálicas com um metro de altura. O aproveitamento da iluminação e da ventilação naturais, decorrentes desta solução adotada, nem sempre resulta em soluções adequadas ao clima local. (JÚNIOR, 2006, p.54).

Figura 23: Imagem aérea do Mercado Municipal da Carne na cidade de Belém
Figura 24: Imagem interna do Mercado Municipal da Carne na cidade de Belém



Fonte: Júnior (2006)

Os pavilhões centrais de ferro foram elogiados pela elegância compositiva e pela funcionalidade agregada ao edifício.

Do conjunto de edifícios construídos, alguns se transformaram em modelos referenciais. O mercado da Candelária, que seguiu linhas clássicas de mercado que remetem ao átrio romano antigo, serviu de inspiração para a construção de mercados fechados com pátio rodeado por arcadas. O mercado central de Paris serviu de modelo para os grandes mercados cobertos em estrutura de ferro acrescidas de lanternim, tanto nacionalmente quanto internacionalmente.

Como já visto nos exemplos, as tipologias e as técnicas são variadas. Contudo, os mercados prestam-se para além da função de mercado, como abrigo de usos diversos. Frequentes também são projetos de reforma e adaptação de mercados existentes, impulsionados por exemplos espanhóis e Madri. (SILVA, 2015).

Os Mercados públicos são equipamentos essenciais para o desenvolvimento urbano, todavia, no Brasil, estudos que se voltam a tais equipamentos são ainda essencialmente ligados ao objeto arquitetônico em si e à técnicas construtivas e não ao contexto urbano/paisagístico em que o equipamento encontra inserido. (SILVA, 2015).

Sendo assim, discorre-se a seguir sobre espaço público e seus efeitos sociais complementando o contexto de inserção de mercado público e resgatando a escala urbana ao edifício em si.

O mercado municipal como espaço público de sociabilidade

Os mercados públicos constituem-se como um conjunto de partes vivas da história e da cultura das cidades onde se inserem. A inserção desses equipamentos públicos em meio às cidades possibilita a interpretação e reflexão acerca desses importantes produtores de sociabilidade e vitalidade. (LOPES; VASCONCELLOS, 2010).

Para Mauss (1988) a vida social é compreendida pelo ato constante de “dar-e-receber”, ou seja, trocas regidas pelo ato da reciprocidade: relações humanas morais e econômicas de contrato e de venda. A troca constitui-se como um fato social, uma vez que trocar é mesclar almas, proporcionando a comunicação, interação, intersubjetividade e a sociabilidade. (MAUSS, 1988).

Portanto, o encontro e o contato entre vendedores, compradores, ou até mesmo viajantes permite um mútuo jogo de trocas sociais, pois o contato/diálogo levará à negociação. Sendo assim, os mercados constituem-se como espaços de sociabilidade, uma vez que se demonstram como *locus* de interação entre indivíduos de uma sociedade através da cultura local, de costumes predominantes ou pelo comportamento relacionado às diversas atividades que historicamente tecem seu lugar. (LOPES; VASCONCELLOS, 2010).

Desde os tempos mais remotos, os mercados acima de tudo vendiam “gêneros alimentícios em primeira mão” configurando-se como a forma mais direta e transparente de troca, perfazendo o papel de integrador de sociedades e geradores da vitalidade urbana.

Que para Filgueiras (2006), tal vitalidade pode ser entendida como:

[...] espontaneidade, a imprevisibilidade e a diversidade do encontro, como também a pluralidade e heterogeneidade de atividades e de pessoas que deles se utilizam. Lugares que reafirmem a permanência e a circulação do outro, a co-presença e a negociação. (FILGUEIRAS, 2006, p.15).

A pluralidade da vitalidade urbana presente nos lugares comuns e nos afazeres cotidianos é tratada por Jacobs (2000) como fator fundamental na dinâmica socioeconômica das cidades. De acordo com a autora, os pontos de uma cidade tornam-se atraentes, seguros e cheios de vida pela atuação das pessoas como usuárias desses espaços, sendo necessário que as pessoas apareçam ao longo do dia e permaneçam algum tempo ali. Logo, a diversidade urbana, aliada à mistura de usos do solo por meio de funções que gerem tráfego de pessoas em horários distintos, efetuam naturalmente um papel essencial para a segurança urbana além de contribuir para a “vida “socioeconômica das cidades”. (JACOBS, 2000).

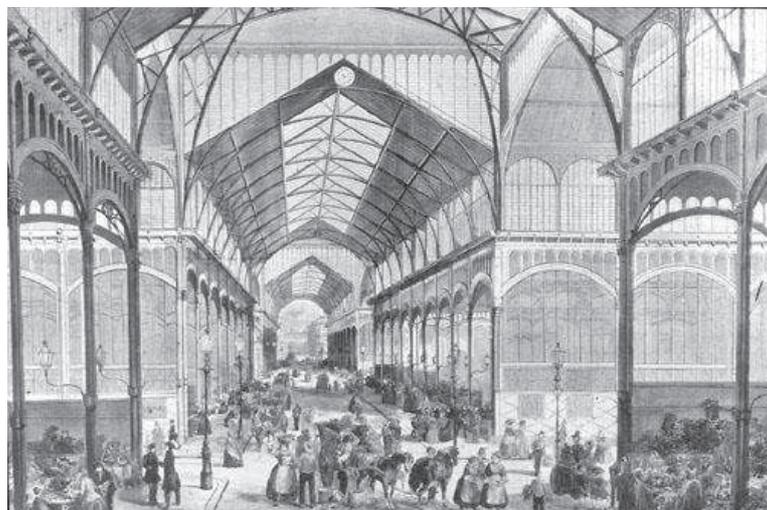
Dessa forma, a vitalidade urbana produzida pelos mercados público-municipais é reconhecida pela concentração das atividades comerciais, como também através da convergência de indivíduos nos lugares onde estão inseridos, qualificando assim os espaços públicos da malha urbana com a presença de usuários ao longo de todo o dia. (JACOBS, 2000).

O conceito acima afirmado pela autora já era evidente desde a década de 70 no mercado público de Les Halles, como afirmado por (ABUAUAD, 2014):

[...] fica claro que o verdadeiro destino de Les Halles se define por uma palavra chave: centralidade. A estrutura dos deslocamentos da metrópole, na qual uma série de linhas convergem para o centro de gravidade que representa Les Halles, determina um fluxo, um tipo de usuário (onde estão os turistas, habitantes do casco histórico e visitantes da periferia) e dinâmicas sociais [...] (ABUAUAD, 2014).

A figura 14 a seguir exemplifica e dá ênfase à afirmação do autor quando faz referência às centralidades, a geração de fluxo e à sociabilidade criada pelo ambiente dos mercados públicos.

Figura 25: Imagem interna do mercado de Les Halles na cidade de Paris



Fonte: Abuauad (2014)

A figura 14 ilustra a circulação interna do mercado de Les Halles durante período de uso. Nota-se o intenso contato entre os cidadãos que naturalmente cria uma rede de interatividade social, ressaltando uma das principais funções do mercado público perante a cidade.

Os mercados são centros de memórias, historicamente instituições seculares que conservam um aspecto anacrônico diante das formas de comercialização mais modernas. É justamente este perfil extremamente tradicional de comercialização que o diferencia totalmente do impessoalismo do autosserviço e dos shoppings centers. (LOPES; VASCONCELLOS, 2010).

Certamente, os processos de industrialização, a evolução das técnicas atuais de compra (e-commerce) aliados ao processo de urbanização desordenado impactaram de forma negativa na urbanidade das cidades, tornando os espaços públicos cada vez mais escassos. Paulatinamente extingue-se a relação entre as sociedades, se esquece da história, da cultura e tradição de um determinado povo quando os espaços públicos de convivência são reduzidos.

Acompanhando a valorização do método tradicional de comércio dos mercados, nota-se a constante preocupação com a valorização das edificações dos antigos mercados submetidas ao processo de reforma, requalificação ou retrofit, naturalmente os edifícios devem acompanhar a evolução e desenvolvimento da sociedade, porém sem deixar de valorizar o passado e a história dos edifícios bem como a sua forma tradicional de comercialização como já citado anteriormente.

Conformado como feira livre nos primeiros espaços de comercialização das cidades, o mercado público faz parte do dia a dia de diferentes sociedades. Em diversos momentos o Mercado Público ou Municipal, colaborou para o desenvolvimento das cidades, prosperou o comércio local, fortaleceu e evidenciou as tradições e culturas de determinado povo através da socialização das diferentes civilizações.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os primeiros indícios de mercado se fizeram presentes através do sistema de trocas realizadas a partir dos excedentes gerados em decorrência do avanço das técnicas agrícolas, sistema denominado escambo, que por questões higienistas aliado à revolução industrial sofrem constantes transformações e evoluíram das típicas feiras livres de rua a edifícios.

Os mercados municipais, enquanto espaços públicos de sociabilidade, constituem o registro de origens e tradições das cidades reunindo a diversidade cultural e a venda de secos e molhados estabelecendo um centro urbano de convívio para a população.

A tipologia dos mercados teve importante papel na disseminação do desenvolvimento das estruturas construtivas, com destaque na incorporação do ferro fundido para a criação ornamentos, esquadrias e de grandes vãos, os quais originaram dois desdobramentos denominados nesta pesquisa como mercados abertos e fechados, sendo de grande valia para as cidades brasileiras que durante o século todo o século XIX incorporam esses novos modelos arquitetônicos aos mercados locais, os quais perduram até os dias atuais.

Desse modo, cabe ressaltar que os mercados municipais são locais que agrupam pessoas de diversas classes sociais, com infinitas finalidades, sendo legitimador de coletividades. Espera-se ter possibilitado a mínima contribuição com a discussão e a valorização desse extraordinário equipamento urbano, o qual atua como catalisador de sociedades e de espaços públicos urbanos.

REFERÊNCIAS

ABUAUAD, R. **"Uma nova imagem para Les Halles" [Una nueva cara para Les Halles]**. 21 Nov. 2014. Arch Daily Brasil. (Trad. Camilla Sbeghen). Disponível

ARAÚJO, P. C. D. A. e BARBOSA, L. R. Feira, lugar de cultura e educação popular. In: REVISTA NOVA ATENA DE EDUCAÇÃO TECNOLÓGICA, N°2, Ponta Grossa, 2004. [s.n.].

BRANDALIZE, L. P. B. **Mercado Público: uma proposta arquitetônica para Pato Branco/PR**. 2010. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Arquitetura e Urbanismo) - Faculdade Assis Gurgacz, Cascavel.

em: (<http://www.archdaily.com.br/br/757240/uma-nova-imagem-para-les-halles>). Acesso em: (5, abril, 2017).

FILGUEIRAS, B. S. C. **Do mercado popular ao espaço de vitalidade: o Mercado Central de Belo Horizonte**. 2006. Dissertação (Mestrado em Planejamento Urbano e Regional) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

JACOBS, J. **Morte e Vida de Grandes Cidades**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

JÚNIOR, J. V. D. O. **Fluxograma do processo de planejamento arquitetônico aplicado a mercados públicos**. 2006. Dissertação (Mestrado em Engenharia Urbana) - Universidade Federal da Paraíba, Paraíba.

LOPES, R. F.; VASCONCELLOS, L. M. D. Considerações sobre os Mercados Públicos: relação de sociabilidade e vitalidade urbana nas cidades. In: COLÓQUIO INTERNACIONAL SOBRE COMÉRCIO E CIDADE, N° 3, 2010, Rio de Janeiro, 2010. [s.n.]. 1-16.

MAUSS, M. **Ensaio sobre a dádiva. Introdução de Claude Lévi Strauss**. Lisboa: Edições 70, 1988.

SILVA, D. V. D. **Mercados municipais de São Paulo: Equipamentos essenciais ou excentricidade urbana?** São Paulo, 2015.